

O SILÊNCIO DA BONDADE E A FRAGILIDADE HUMANA¹

Edvaldo Antonio de Melo*
Nillo da Silva Neto**

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar a questão do silêncio da bondade e a fragilidade humana marcadas pela dor, pelo sofrimento e também pela alegria de servir – ser-para-o-outro. Para tal, tomaremos como ponto de partida a experiência com o trabalho de extensão na Comunidade da Figueira, imbuída da leitura do texto do “Bom Samaritano”, na confluência da leitura de algumas interpretações filosóficas de cunho existencial, colocando em evidência a relação entre “ver” e “escutar” a realidade, conforme temática proposta pelo Simpósio filosófico teológico de 2020. Com a situação concreta “do homem caído” da parábola, na qual se visualiza a fragilidade da condição humana, perguntamos: em que sentido a parábola nos desperta para o “ver” e o “escutar” a realidade “em carne e osso” da condição humana? Trata-se do despertar para uma sensibilidade que nos desinstala e nos abre ao outro, uma sensibilidade das entranhas, movida por uma *sapientia cordis*, traduzida por nós como silêncio da bondade “originária” – o dom de ser-para-o-outro.

Palavras-chave: Bondade. Fragilidade. Outro. Silêncio. Sofrimento.

Résumé: Cet article vise à analyser la question du silence de la bonté et de la fragilité humaine marquées par la douleur, la souffrance et aussi la joie de servir – être-pour-l’autre. À cette fin, nous prendrons comme point de départ l’expérience du travail dans la Communauté de Figueira, imprégnée de la lecture du texte du “Bon Samaritain”, au confluent de la lecture de quelques interprétations philosophiques existentielles, mettant en évidence la relation entre “voir” et “écouter” la réalité, selon le thème proposé par le symposium théologique et philosophique de 2020. Avec la situation concrète de “l’homme déchu” de la parabole, dans laquelle la fragilité de la condition humaine est visualisée, nous nous demandons: en quel sens la parabole nous réveille pour “voir” et “écouter” la réalité “chair et sang” de la condition humaine? Il s’agit de s’éveiller à une sensibilité qui nous désinstalle et nous ouvre à l’autre, une sensibilité des tripes, animée par une *sapientia cordis*, traduite par nous comme le silence de la bonté “originelle” – le don d’être-pour-l’autre.

Mots-clés: Bonté. Fragilité. Autre. Silence. Souffrance.

¹ Com o presente texto, queremos prestar uma homenagem à Comunidade da Figueira, de Mariana, MG, em comemoração dos seus 30 anos de fundação. Na pessoa da Coordenadora da Comunidade, Solange Ribeiro dos Santos Reis, parabenizamos a Comunidade e agradecemos a todos pela acolhida. Justificamos que o referido texto tem inspiração no trabalho de extensão realizado pelos discentes da Faculdade Dom Luciano Mendes (FDLM) na Comunidade da Figueira, sob a coordenação do prof. Edvaldo Antonio de Melo. Durante o ano de 2019 participaram do trabalho de extensão os alunos: Antônio Pinto Fialho Neto, Bruno Diego Garcia, José Victor Ferreira Santos, Magno Reis Ramalho, Mateus Lopes de Carvalho, Ihudson de Paula coelho, Matheus Gomes Ferreira, Nillo da Silva Neto, David Patriste de oliveira, Karine de Souza Gomes, Washington Mateus de Souza Ferreira, Weberson Luís Filipe, Nélio Valério, André Luiz Ovídio. O projeto continua em andamento neste ano de 2020 com os alunos: André Lopes da Silva, Claudinei Corrêa Freitas, João Lucas Geraldo Nunes Reis, Leonardo dos Santos Moreira, Luiz Gustavo Machado Santiago, Pedro Vitor Taciano de Oliveira, Róbinson dos Anjos Moura, Rômulo Tadeu Vieira Ribeiro. Ressaltamos, porém, que o texto surgiu do aperfeiçoamento da comunicação do dia 06/02, realizada pelo discente Nillo da Silva Neto, bacharelado em Filosofia pela FDLM, no Simpósio Filosófico-Teológico promovido pela FDLM e o Instituto Teológico São José (ITSJ) e ocorrido no período de 04 a 06 de fevereiro de 2020 com a temática “A voz do silêncio: A escuta da realidade”.

* Doutor em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana, atualmente professor e coordenador do curso de Filosofia da Faculdade Dom Luciano Mendes de Mariana, MG.

** Bacharelado em Filosofia pela Faculdade Dom Luciano Mendes.

Aos profetas que partiram:

*Dom Helder Câmara, † 27 de agosto 1999.
Dom Luciano Mendes de Almeida, † 27 de agosto de 2006.
Dom José Maria Pires (Dom Zumbi), † 27 de agosto de 2017.
Dom Pedro Casaldáliga, † 08 de agosto de 2020.*

*Agosto: mês profético, mês do Dizer.
O Dizer é testemunho, se assinala.
Mas não somente se assinala. Fala. É rosto, não-silêncio!
Ou melhor, é silêncio que Diz pelo testemunho.*

INTRODUÇÃO

O silêncio, a todo instante, está envolto em nós, como lemos na descrição do folder do simpósio, que nos inquieta com a pergunta: “*O que escutamos, vemos e decidimos hoje?*”². *Há uma falta de sensibilidade em não ver, ouvir, sentir, tocar? Uma espécie de “des-sensibilidade”? Haveria um estado de não-sensação*³, *um consciência anestesiada que não “sentiria” a interpelação do outro*⁴?

Ou então, será que poderíamos acrescentar mais um sexto sentido, o silenciar? É evidente que, na maioria das vezes, fazemos uso do silêncio por decisões que são causa e origem da falta de sensibilidade para com o próximo.

Sobre este tema do silêncio, tomamos como ponto de partida e inspiração a vivência que tivemos na Comunidade da Figueira⁵, em consonância com o tema do simpósio

² Utilizamos a figura de “Pedro Adormecido”, de Aleijadinho – Congonhas do Campo/MG, como inspiração para o folder. Disponível em: <<http://faculadedomluciano.com.br/simposio-filosofico-teologico/>>. Acesso em: 11 de jul. 2020.

³ Em seu discurso sobre o problema da sensação, Platão (*Filebo* 34a) pergunta se haveria uma situação de “insensibilidade” descrita como “não-sensação” (*anaesthesia*).

⁴ Colocamos esta questão a partir de Lévinas (2011, p. 151), o qual pergunta se “o psiquismo seria consciência que exclui todo e qualquer traumatismo”, exercendo uma função amortecedora.

⁵ Instituição filantrópica fundada em 1990 pelo Arcebispo Dom Luciano Pedro Mendes de Almeida cujo objetivo era garantir o acolhimento e assistência integral às “pessoas com deficiência” (PCD’s), termo legal a se utilizar aprovado pela promoção dos direitos e dignidades da pessoa com deficiência, e não pessoas portadoras de deficiência, ou necessidades especiais. Ver Lei nº13.146, de 6 de julho de 2015 que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/13146.htm>. Acesso em: 30 abr. 2020. Dom Luciano sempre gostava de dizer: “A Figueira é um cantinho do céu”. A Comunidade pertence à mesma Instituição Mantenedora da Faculdade Dom Luciano, a Fundação Marianense de Educação. O site da comunidade encontra-se disponível em: <<http://www.comunidadedafigueira.com.br/conheca-a-comunidade>>.

filosófico-teológico, “a voz do silêncio: a escuta da realidade”, a fim de tentarmos compreender por qual motivo nos calamus diante daquilo que nos é exposto. Através de nossa livre escolha somos responsáveis pelas opções que fazemos, disso podemos presumir que escolhemos querer ajudar ou querer silenciar, mas na maioria das vezes, escolhemos o silêncio. Daí o sentido de abordar a temática aqui.

1. Entre o “ver” e o “escutar”: a voz do silêncio

Iniciamos com uma breve reflexão a partir do sentido do silêncio que permeia dois verbos, a saber, o “ver” e o “escutar”. Tratam-se de dois verbos que nos remetem às duas tradições fundantes da cultura Ocidental: a tradição filosófica do *logos* grego, marcada pela visão contemplativa, conforme a herança do “Mito da caverna” de Platão, na analogia do sol com a luz do Inteligível, a luz do Bem e da verdade; e a tradição judaico-cristã, com o *shema’ Israel*, pela escuta da Palavra, conforme veremos mais adiante, tomando como protótipo para a análise a parábola do “Bom Samaritano”.

No que diz respeito ao “ver”, em sua descrição do “Mito da caverna”, no Livro sétimo da obra *A República* (514a-541b), Platão mostra-nos como sair de um mundo da “caverna”, onde, analogamente, ficam presos nossas atitudes e nossas vontades. Podemos dizer que sair da caverna significa sair da comodidade e ir ao encontro do “outro”, ter coragem de conhecer a verdade, dialeticamente, tal como fazem os filósofos, pois o filósofo dialético dá prova de si e dos outros.

Imbuído desta inspiração, pensamos na “voz do silêncio”. Trata-se de colocar em questão o sentido radical da própria realidade. Além dos cinco sentidos, a voz do silêncio emerge na sua interioridade, na escuta atenta da realidade que nos circunda. O tema do silêncio traz uma história e uma inquietação: qual é a “palavra” do silêncio? Uma história na qual vivemos e somos e na qual nos perguntamos pelo porquê de tantas situações trágicas e catastróficas.

Perguntamos pelo “sim” e pelo “não” e, às vezes, quase nos emudecemos, mas é aí que descobrimos também a voz do silêncio que fala e que pede a nossa atenção, o “dom” da escuta. Não se trata, portanto, do silêncio da ausência de palavras, mas de um silêncio

gestativo: o silêncio do amanhecer em nós, o silêncio da Palavra gestada como palavra profética. Como afirma Bruno Forte (2003, p.49) em seu livro *A escuta do outro*: “o silêncio é o ventre fecundo do advento, o cenário onde ecoa a Palavra, o espaço último do dia”. É o silêncio da origem, Princípio sem princípio, silêncio do ser e da espera de “ser”.

O diagnóstico do pós-guerra nos apresenta uma razão que fracassou em seu esforço de compreender a realidade, de querer dominá-la e domesticá-la. A realidade da guerra se mostrou violenta justamente pela falta de atenção devida às diferentes realidades. Tanto a cegueira quanto a surdez da insensibilidade culminaram em totalitarismos aniquiladores, como testemunha a irracionalidade do antissemitismo e conforme relata Orietta Ombrose em seu livro *Il crepuscolo della ragione* (2014), em sua análise crítica da razão a partir de Benjamim, Adorno, Horkheimer e Lévinas de frente à catástrofe, ou melhor, à barbárie. A tentativa da autora consiste em afirmar a necessidade de “testemunhar”, no sentido de escutar as feridas oriundas do sofrimento e da morte imposto às vítimas da câmara de gás, da agonia dos mortos de Auschwitz (OMBROSI, 2014, p.18-19). Esta escuta atenta das feridas abertas no contexto da II Guerra Mundial continua sendo a necessidade de nossos dias, basta pensar, por exemplo, na situação das vítimas do povoado de Bento Rodrigues, distrito de Mariana-MG (no dia 5 de novembro de 2015) e também do município de Brumadinho (25 de janeiro de 2019) devido ao rompimento (criminoso) das barragens que assolou vidas e histórias de tantas famílias, com graves danos ambientais⁶. A catástrofe gerada pelo rompimento das barragens mostra o diagnóstico da irresponsabilidade humana diante de suas ações e põe em questão o silêncio omissivo das instituições diante da vida.

Em sua crítica à História da Filosofia Ocidental, assim afirma Lévinas: “A razão consiste em assegurar a *co-existência* destes termos [o um e o outro], a coerência do um e do outro, *apesar da sua diferença na unidade de um tema*, ela consiste em assegurar o acordo dos diferentes, sem fazer estilhaçar o presente onde o tema se mantém (LÉVINAS, 1988, p.178-179). Ora, este jeito de assegurar a coexistência aniquila as alteridades. Poderia se pensar inclusive nas políticas econômicas genocidas que, ao assegurar os acordos dos

⁶ Sobre a temática do “desastre” em Mariana e Brumadinho, ver o texto: FREITAS, Carlos Machado de. et al. Da Samarco em Mariana à Vale em Brumadinho: desastres em barragens de mineração e Saúde Coletiva, *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 35 n. 5, p. 1-7, maio de 2019.

sistemas, aniquila vidas, sobretudo a vida dos mais indefesos e que não preenchem a lógica da eficiência do mercado capitalista.

Na perspectiva de Maurice Blanchot, poderíamos dizer que o desencantamento da razão se identifica com o pensamento do “*des-astro*” que se instaura como um “pensamento dissimulado” [arrière-pensé] (BLANCHOT, 2016, p.13). No entanto, há um silêncio que resiste (STROPARO, 2013). Neste sentido, se por um lado, o silêncio pode ser identificado também com a dissimulação, por outro, ele não se reduz a uma razão de conveniência, que é a estratégia do discurso dissimulador. Há um grito que emerge para além da realidade opaca e que diz no testemunho dos sobreviventes, nas vozes que ecoam numa literatura de resistência. E assim, o maior desastre é o da consciência que rompe o seu laço, não conseguindo manter a coexistência do tema na correlação dos termos.

Além dos pensadores mencionados anteriormente, como Lévinas e Blanchot, dentre outros, pode-se remeter aqui à experiência do pintor Vincent Van Gogh (1853-1890)⁷, tido como louco e que fora praticamente silenciado, mas que nos deixou algo de “original”, a sua arte. Se tomarmos, por exemplo, a pintura “A noite estrelada” (1889), entende-se que sua arte é também uma denúncia, anúncio de um “por vir”: “a estrela” do amanhecer, vista da cela de seu quarto. Em Van Gogh, a dor e a loucura se integram numa harmonia cósmica. Aqui, os termos não são correlatos. Assim como Aleijadinho – com a figura de “Pedro Adormecido” que utilizamos para o Simpósio – pode-se interpretar que o artista exprime uma denúncia profética. O “silêncio” de Pedro, naquela madrugada da consciência, antes do galo cantar, anuncia também um “por-vir”.

Voltemos então a perguntar: depois do “*des-astre*” é possível ainda pensar? É possível ainda filosofar? Sem dúvida, por um lado, depara-se com a desilusão e o desencantamento da própria razão, mas por outro, resta a memória, não simplesmente dos rumores das catástrofes, mas a memória fecundativa, a memória do testemunho e da profecia. Na “*des-razão*” cintila a esperança em nós, resta o fragmento da estrela que cai para o alto, rumo

⁷ Sobre esta temática, reenviamos à tese de mestrado de Hugo Leonardo de Quadros e Tonon, intitulada “Percepção e imaginação na tela *A Noite Estrelada* de Vincent van Gogh”, da Universidade Estadual de Maringá, 2017, 101f.

Em sua dissertação, o autor, primeiramente, faz uma análise das noções de corpo, imaginação e loucura do ponto de vista clássico, e em seguida, procura aproximar a pintura de Van Gogh com a ontologia do sensível em Merleau-Ponty. Disponível em: <<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/4704/2/HUGO%20LEONARDO%20DE%20QUADROS%20E%20TONON.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2020. Bastante sugestivo o filme de 2019 intitulado “No portal da eternidade” que retrata a vida do pintor.

ao humano – para citar Lévinas no final da obra *De outro modo que ser* (2011, p.195). O sofrimento humano passa a ser também o sofrimento da humanidade. A dor e o sofrimento passam a ganhar sentido nas relações de alteridade. O “do outro” passa a ser também “meu”. Aliás, a própria morte sofrida e suportada “do outro” acaba por antecipar a “minha”. A morte do outro é o meu futuro. E, assim, por mais que a técnica tente anestesiar as relações, permanece na consciência desta realidade experimentada na relação de alteridade a experiência da gratuidade, da alegria, do sofrimento e da própria morte.

Perguntar, portanto, pelo sentido do silêncio e pela escuta da realidade significa dar voz à sensibilidade profunda que habita o ser humano e que o faz verdadeiramente “humano”. O dar a mão, o escutar e o sentir atento das feridas do outro não são meros sentidos da sensação física, mas pertencem à “inteireza” de nosso ser. Na literatura de origem judaico-cristã, trata-se de um momento originário, aquém e além do colapso da razão, um momento no qual se pode falar em uma espécie de “curvatura” da razão, abrindo espaço para o ser como “dom” de ser ao outro, ao perdão. Trata-se, portanto, de “curvatura” no sentido da própria escritura humana – uma escritura do silêncio – que integra a dor e o sofrimento no viver e passa a testemunhar o sofrimento e a própria morte imposta às vítimas, numa espécie de filosofia do testemunho (ORIETTA, 2014, p.18).

2. Silêncio e compaixão

Para além da dissimulação à qual o ser humano está sujeito, em meio à fragilidade humana, emerge o sentimento da piedade, da bondade⁸, da sensibilidade originária, do comover-se diante do sofrimento do outro, do solidarizar-se com o próximo. Deste modo, constata-se que mesmo em meio as fragilidades, o ser humano é dotado de “compaixão”. Trata-se de um sentimento que reconhece o sofrimento de outrem (MASI; BRIANESE, 2006, p.2035). Do ponto de vista da vida cristã, este sentimento é de fundamental importância, uma vez que a compaixão, o cuidado com o outro, o amor ao próximo são

⁸ O tema escolhido aqui, sob o viés da bondade e da fragilidade, faz alusão à obra intitulada *A fragilidade da bondade*, da autora Martha Nussbaum (2009), na qual a autora explora o sentido da fragilidade que envolve a vida prática, a partir da tragédia e da filosofia grega, focando sobretudo, Platão e Aristóteles.

alicerces primordiais para a religião cristã, como se pode ver na passagem do “Bom samaritano” (Lc 10, 25-37)⁹. Podemos tomar o início da narração da parábola como exemplo desta constatação: “Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu no meio de assaltantes que, após havê-lo despojado e espancado, foram-se deixando-o semimorto” (Lc 10, 30).

Por um lado, tem-se o silêncio daqueles que passam e consideram o homem caído como um estranho, como é o caso do sacerdote e do levita. Ambos conheciam a lei e exerciam funções litúrgicas no templo; por outro há o sentimento daquele estrangeiro que se faz próximo, o do samaritano. Mesmo sendo considerado um inimigo, ou mesmo como um infiel, no entanto, é deste que vem o acolhimento. De estrangeiro se faz próximo, mostrando-se atento para com o caído e ferido. O caído não é mais um “ente”, mas ganha a estatura de proximidade, “em carne e osso”, alguém que sente fome, sede e frio.

A parábola do “Bom Samaritano” é, portanto, bastante paradoxal, pois apresenta de modo real – em carne e osso – o sentido da compaixão, o compadecer-se com o sofrimento do outro por um estrangeiro. Em se tratando da experiência mencionada por nós no início, esse sentimento da compaixão pode ser experimentado na Comunidade da Figueira através de sinais presentes em vários talentos dos alunos, como da música, da poesia e da arte, dentre outros, mesmo em meio ao silêncio da sociedade que os rodeia. Conforme se pode ver também na parábola, o silêncio, na maioria das vezes, é causado por medo de se envolver ou por preocupações com a pureza legal que os impedem de entrar em contato com outro, aquele caído e machucado no caminho da vida. Nesse sentido, pode-se dizer que a ética, na sua radicalidade, provoca a religião, chamando-a para o sentido essencial da vivência da justiça e do amor.

A atitude do “samaritano” nos faz refletir acerca da ética levinasiana que coloca a pergunta sobre “quem é o meu próximo” (LÉVINAS, 1988, p.73). Será este um rico ou um pobre? Alguém com quem convivo diariamente? Um mendigo? Quem será? Todos esses deveriam receber o mesmo tratamento. No entanto, nem sempre tais atitudes são tomadas. Lévinas mostra que é no “rosto” do outro que se encontra a sua dignidade. No

⁹ Pode-se mencionar aqui o tema para a Campanha da Fraternidade 2020 “Fraternidade e vida, dom e compromisso” e o lema “Viu, sentiu compaixão e cuidou dele” (Lc 10, 33-34). Trata-se de um convite ao significado mais profundo da vida, ao cuidado por com o outro. A Campanha traz como referência a figura de Irmã Dulce, exemplo de vida doada aos mais necessitados, canonizada com o título de Santa Dulce dos Pobres.

rosto do outro – do meu próximo – está o sentido da ética e o apelo que nos move para a própria compaixão. A compaixão é um outro ver. Segundo J. Gorczyca devemos, de fato, distinguir dois modos de ver as coisas: um é aquele que desemboca no conhecimento objetivante, exprimível mediante os juízos teóricos e o outro – que é aquele do Samaritano – que não é guiado pela intuição e que não se expressa por juízos, nem tampouco é uma involuntária reação emocional, mas é compenetrado pela compaixão (2011, p. 52).

3. Silêncio, sofrimento e redenção

O samaritano da parábola pode ser visto como o protótipo da humanidade sedenta de relações e a figura do próprio redentor. Nesse contexto da pandemia COVID-19, por exemplo, médicos e enfermeiros são os “samaritanos” de nossos dias. Eles têm arriscado suas próprias vidas para salvar a humanidade. Pode-se notar que há um silêncio redentor. São mãos que se erguem para a humanidade caída. No entanto, mesmo diante dos “silêncios” ou da indiferença da sociedade em geral, sobretudo da máquina política, o testemunho continua a ecoar na voz dos mais indefesos, das vítimas do próprio sofrimento.

A filosofia surge assim como um testemunho do pensar autêntico, mas que encontra na experiência do sofrimento a sua linguagem comum. A título alusivo e remete aqui à experiência de Friedrich Nietzsche (1844-1900), bem como a de Blaise Pascal (1623-1662), no modo diferente deles compreenderem o sofrimento. A experiência nietzschiana, por exemplo, que considera o sofrimento não como um “mal em si mesmo”, mas como algo que faz parte da própria vida: “A vida deve ser vivida sem ideais ascéticos, sem muletas metafísicas, sem castração das pulsões e das paixões, que são partes integrantes da natureza e do homem. Por isso é preciso assumir a vida em sua completude, tornando-se aquilo que se é” (NASCIMENTO; AMORIM (2016, p.115).

Já a experiência da filosofia pascaliana aproxima o sofrimento da visão cristã à paixão redentora de Cristo. Neste sentido, tanto o sentido da doença quanto o do sofrimento têm implicação direta na condição existencial humana. Conforme interpreta Thiago Caçado,

em seu estudo sobre *O sofrimento como redenção de si*, as duas filosofias, a saber, a de Nietzsche e de Pascal tem o sofrimento como ponto de contato (2012, p.12): “Não se trata de qualquer sofrimento. Optou-se aqui por estudar as implicações físicas, emocionais e relacionais que a enfermidade propiciou às vidas e às filosofias dos dois pensadores”.

O tema abordado por Thiago Calçado realça justamente a experiência da doença que atinge a condição humana e que neste texto tange à experiência vital do próprio “fazer” filosofia. A enfermidade também está presente na própria construção do pensar, nas trajetórias filosóficas. Nesse sentido, embora o sofrimento não possa ser representado e nem mesmo justificado pela consciência, ele continua como algo “latejante” em nós, algo vivido e sentido pelos corpos doentes e frágeis, na nossa condição corpórea. Daí o sentido de colocarmos em questão a fragilidade da condição humana.

Em se tratando propriamente da filosofia, a reflexão acima não significa dizer que o “fazer” filosofia esteja condicionada à experiência do sofrimento, mas não se pode negar que o *thaumatzein* grego, o maravilhar-se está também relacionado com o “espantar-se” da condição humana que também é da ordem daquilo que “desatina” em nós, como a realidade da dor, do sofrimento e da própria morte. Neste sentido, conforme interpreta Calçado (2012, p.17), “uma filosofia de afirmação de si, que dê sentido à vida”, não pode excluir o sofrimento enquanto elemento da realidade. A enfermidade gera, supostamente, uma autonomia, pois a sem esta reflexão, correr-se-ia o risco de o discurso filosófico tornar-se violento e distante da própria vida.

Conforme ressalta Calçado (2012, p. 73), “a dor não pode ser vista com descaso”, da mesma forma como o prazer, a dor também é fonte de sabedoria para o ser humano. No sofrimento passa-se a ver quase o invisível, pois o mesmo torna as pessoas mais sensíveis. Daí o sentido de o sofrimento ser também redentor, ou seja, colaborar com a redenção da própria humanidade. Ao definir, portanto, a filosofia como “amor à sabedoria”, entende-se o sentido amplo desse “amor” à sabedoria de vida que inclui as suas várias facetas, como a do sofrimento, a da dor, a da alegria gerada pelo serviço ao outro. O silêncio da bondade é despertado a partir dessas situações. Ele é fecundo e também entendido como o passo da fraternidade. Não se trata, portanto, de uma fuga da dor e nem de um mero prazer, pelo contrário, há um realismo no viver que envolve a pessoa humana inteira.

CONCLUSÃO

Com o título “silêncio da bondade e a fragilidade humana” nos despertamos para a sabedoria que envolve o ser humano na sua inteireza. Há um silêncio que fala, que se revela nas atitudes, daí o sentido de mencionar o cuidado, a compaixão, o modo samaritano de ser, a partir da sabedoria do coração – *sapientia cordis*. Conclui-se que o silêncio é entendido aqui como a escuta atenta do pulsar do próprio coração que irriga vida para todo o corpo. Trata-se do silêncio da bondade que é também respiração e que nos faz adentrar não somente nas “cavernas” de si mesmos, mas também nos torna dom de ser para o “outro”, na fraternidade.

Em se tratando propriamente da experiência vivida na Comunidade da Figueira, inquietamos inclusive a busca por uma filosofia que envolva a inteireza da pessoa. Aliás, pode-se perceber isto no próprio objetivo que levou a criação da Comunidade, imbuída do desejo de garantir o acolhimento e a assistência integral às pessoas com deficiências. A partir da experiência com o trabalho na Comunidade, alguns valores se destacam: o acolhimento, o amor e o desenvolvimento espiritual. Deste modo, são consideradas também “especiais” por serem também amadas por todos. Na convivência diária com a Comunidade, pode-se ressaltar talentos preciosos dos alunos expressos na poesia, na escrita, nos desenhos ou nos artesanatos. Cada um com seu jeito transmite aquilo que sente. Nesse sentido, a dor que os membros da instituição possuem, a saber, os que não falam, não andam, não tocam, não veem, não escutam, não deve, jamais, ser esquecida, todavia deve ser caminho de passagem para os sentidos e valorização das coisas da vida¹⁰.

E assim, o silêncio nos coloca diante da vulnerabilidade da condição humana que nos faz aproximarmos do mistério do “outro”, conforme a experiência do “bom samaritano”, que na condição de “estranho”, se faz próximo e “suporta” o outro. Conforme iniciamos falando sobre o “ver” e o “escutar”, entende-se, portanto, a necessidade de compreender a filosofia a partir do “testemunho”, da escuta das feridas do outro. A isto damos o nome de sensibilidade originária. Trata-se de uma sabedoria prática, uma sabedoria de atitudes, uma filosofia em caráter “terapêutico” que também se compadece diante da dor e do

¹⁰ Sugerimos o Filme: “Como estrelas na terra” de 2007, dirigido por Aamir Khan.

sofrimento do outro. Deste modo, tem-se o apelo a sair do comodismo, a quebrar as algemas e a não silenciar diante da interpelação do outro.

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. *A escritura do desastre*. Tradução Eclair Antônio Almeida Filho. São Paulo: Lumme, 2016.

BRASIL. *Lei brasileira de inclusão da pessoa com deficiência*. Lei nº13.146. Brasília, 6 jul. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 30 abr. 2020.

CALÇADO, Thiago. *O sofrimento como redenção de si: doença e vida nas filosofias de Nietzsche e Pascal*. São Paulo: Paulus, 2012.

COMUNIDADE DA FIGUEIRA. *Conheça a comunidade*. Disponível em: <<http://www.comunidadeafigueira.com.br/conheca-a-comunidade>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

FORTE, Bruno. *À escuta do outro: filosofia e revelação*. Tradução Mário José Zambiasi. São Paulo: Paulinas, 2003.

FREITAS, Carlos Machado de. et al. Da Samarco em Mariana à Vale em Brumadinho: desastres em barragens de mineração e Saúde Coletiva, *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 35 n. 5, p. 1-7, mai. 2019. Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/40393>>. Acesso em: 02 ago. 2020.

GORCZYCA, Jakub. *Essere per l'altro*. Fondamenti di etica filosofica. Roma: G&BP, 2011.

LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e Infinito*. Diálogos com Philippe Nemo. Tradução de João Gama. Lisboa: Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. *De outro modo que ser ou para lá da essência*. Tradução de José Luis Pérez e Lavínia Leal Pereira. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2011.

MASI, G.; BRIANESE, G. Compassione. In: FONDAZIONE CENTRO STUDI FILOSOFICI DI GALLARATE, *Enciclopedia Filosofica*, III. Milano: Bompiani, 2006, p. 2035-2039.

NASCIMENTO, Valter; AMORIM, Wellington Lima. Vida e sofrimento em Nietzsche. *Revista Húmus*, Maranhão, v. 6, n. 18, p.114-121. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/6330>>. Acesso em: 16 jul. 2020.

NUSSBAUM, Martha. *A fragilidade da bondade: fortuna e ética na tragédia e na filosofia grega*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

OMBROSI, Orietta. *Il crepuscolo della ragione*. Benjamin, Adorno, Horkheimer e Levinas di fronte alla catastrofe. Traduzione di Alessandro Prandoni. Firenze: Giuntina, 2014.

PLATÃO. *A República*. Tradução Maria Helena da Rocha Pereira. 14 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

_____. *Filebo*. In: _____. *Tutti gli scritti*. Milano: Bompiani, 2014, p. 425-480.

STROPARO, Sandra Mara. O caminho do silêncio: Mallarmé e Blanchot. *Letras de hoje*, [10 anos sem Maurice Blanchot], Porto Alegre, v. 48, n. 2, p. 191-198, 20 maio 2013. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/12704>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

TONON, Leonardo de Quadros. *Percepção e imaginação na tela A Noite Estrelada de Vincent van Gogh*. 2017. 101f. (Mestrado em Filosofia). Faculdade de Filosofia. Universidade Estadual de Maringá, 2017. Disponível em: <<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/4704/2/HUGO%20LEONARDO%20DE%20QUADROS%20E%20TONON.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2020.